

**AS MULHERES NA CULTURA E NA SALVAGUARDA
DO PATRIMÓNIO IMATERIAL DA REGIÃO CENTRO**

In Memoriam

ACIDÁLIA LOPES QUARESMA



Acidália Lopes Quaresma nasceu em 1921, em Louredo, Arrifana - Vila Nova de Poiares. Faleceu em 2007.

Foi professora primária durante meio século no concelho que a viu nascer assim como nos concelhos limítrofes e da Beira Serra, entregando-se de “alma e coração” aos seus meninos, transmitindo-lhes não só os rudimentos básicos da formação intelectual, mas também os não menos importantes valores que devem servir de referência a cada ser humano na sua vida de relação com os demais.

Quando se aposentou no limite da reforma aos 70 anos a professora acarinhada do povo continuou até a sua saúde assim o permitir como catequista da sua freguesia, Paróquia da Arrifana, mantendo o contacto com as crianças.

Em 2004 foi lançado um livro de poesias “Mensagens de Fé e Amor” onde se retrata uma vida de coisas simples, de amor e de vida com o pseudónimo, “Maria do Sol-Poente”.

Dá também o nome a uma rua na Freguesia de Arrifana, inscrita na toponímia do concelho como “Rua Acidália Quaresma”, em percurso que realizou ano após ano para a sua escola primária e para as salas paroquiais em prol do ensino e educação de crianças e jovens.



ANA GONÇALO



Natural de Bragança, cresceu em Braga e adotou a Covilhã como cidade para residir. Foi aqui que se iniciou nas funções de debuxadora, em 2011, após ter ganho alguns concursos de design, começa a trabalhar como freelancer nas áreas do design gráfico e design têxtil.

Em 2016 abriu o seu próprio ateliê onde experimentou novos processos têxteis e realizou workshops. A partir de 2019, integrou como autora e membro da direção, o New Hand Lab – Associação Cultural.

ANGELINA DA ASSUNÇÃO

Natural de Fermentelos, ali nasceu a 11 de outubro de 1875. Professora Primária, cursou a Escola Normal e dedicou-se ao ensino sendo colocada na Escola de Arrancada do Vouga, a que se seguiram as de Paços de Brandão, Feira, Póvoa de Varzim e, por fim, Póvoa de Lanhoso, aqui se mantendo até à sua aposentação em 1930, posto o que fixou residência em Espinho. Desconhecemos a publicação de qualquer livro, mas, não obstante, afirmou-se como conceituada poetisa e pedagoga, com produção literária dispersa. Foi colaboradora do “*Gente Nova*”, periódico com redação em Oliveira do Bairro, onde assinou diversos trabalhos na área da Educação e Pedagogia e da Poesia. Encontra-se sepultada em Guimarães.

DEOLINDA PINHEIRO



Nasceu a 29 de fevereiro de 1924, na Lousã, e faleceu a 2 de março de 2014, com a idade de 90 anos. Mestre de bordados, era na oficina de sua casa que ensinava as suas aprendizes, tendo-se aí constituído uma autêntica escola de bordadeiras. Foram muitas as bordadeiras artesãs que ali aprenderam estas artes tradicionais, destacando-se a aprendizagem de bordado de Castelo Branco



FAUSTA AUGUSTA MADUREIRA MORAIS



Fausta Augusta Madureira Morais, nasceu em 1917, em São João da Pesqueira. Aos 26 anos é colocada a lecionar na Escola Feminina de Vila Nova de Poiares. Faleceu em 1998.

Bastante ativa nas suas funções, criou na escola um Grupo Folclórico com danças e cantares regionais, assim como um Grupo Coral. Na Associação Recreativa de São Miguel organizou um Grupo de Teatro que fez

inúmeras representações, agregando a juventude da freguesia com forte entusiasmo.

Na década de 1940 criou a cantina escolar na Freguesia de São Miguel de Poiares, possibilitando às crianças a segurança de uma refeição diária. Esta cantina funcionou durante o dia no Club Recreativo e Cultural, que fundou com seu marido e onde, à noite, os associados se juntavam para convívio, ler jornais, ouvir rádio, em particular notícias da guerra emitidas através da BBC de Londres pela voz de Fernando Peça.

Dinamizou, com um conjunto de educadoras, o “Centro de Ajuda Rural”, onde proporcionaram a raparigas e donas de casa a frequência de vários cursos, entre eles de primeiros socorros em colaboração com a Cruz Vermelha Portuguesa. A par deste, ministrou gratuitamente um Curso Noturno de Alfabetização de Adultos.

Na década de 1960 é mentora da criação de uma Colónia Balnear em Mira, possibilitando a crianças, recrutadas através das escolas, cujas condições socioeconómicas o justificassem, o contacto com o mar e a praia.

Com o apoio da Junta de Freguesia de São Miguel fundou o “Centro de Apoio aos Peregrinos de Fátima”, junto à estrada EN17, facultando banhos, massagens, refeições e onde podiam pernoitar.

Foi coordenadora e principal responsável de um Grupo da Liga Portuguesa Contra o Cancro, fomentando e apoiando o rastreio e a prevenção e promoveu o esclarecimento e propaganda da importância da vacinação.

Teve a iniciativa de oferecer enxovais de bebés a mães carenciadas, aquando do nascimento, assim como um cabaz solidário às famílias dos bombeiros na Noite de Consoada.

Em 1993 Recebeu a “medalha de Ouro” pelos serviços distintos prestados ao concelho.



JOANA DE OLIVEIRA

Nasceu a 21 de maio de 1976, em Aveiro, mas foi registada em Águeda, cidade onde viviam seus pais e onde passou a residir, até ao seu falecimento, em 2009.

Com apenas oito anos de idade começa a escrever pequenas quadras e composições, revelando os seus dotes para a escrita. É também nessa idade que o amor pelo teatro se faz sentir, protagonizando pequenos *sketchs* como “*A cidade e a aldeia*” e declamando poesias de Augusto Gil, sempre que havia uma festinha de índole cultural na sua cidade. Aos quinze anos inicia-se na arte do soneto e, apaixonada pela literatura, começa a escrever contos de estilo clássico e apaixonado. Frequenta o curso de Português/Francês no Instituto Superior de Educação Jean Piaget, de Macedo de Cavaleiros, onde se torna radialista na Rádio Onda Livre com um programa inédito de poesia, “*Divagando*”, recitando poesias de sua autoria e tendo como convidados alguns poetas do Nordeste Transmontano. Já em Viseu, em 1997, integra o Grupo Universitário de Viseu “Os Patafisicos”. Depois de inúmeras peças interpretadas, e tendo pisado o palco “*Mirita Casimiro*”, aborda na sua tese final de curso “*A Expressão Dramática como fator de desenvolvimento na aprendizagem da Língua Materna*”, com a orientação de Conceição Lapa e coordenação do Mestre Manuel João Vaz Freixo. Terminada a licenciatura, inicia a sua carreira profissional como jornalista no “*Jornal da Bairrada*”, a par com a atividade no ensino. Porém, como o “*bichinho*” pelo teatro falou mais alto, inicia-se no teatro não convencional, designado por “*teatro de rua*”, na Companhia Teatral “*Viv’Arte*”, de Oliveira do Bairro. Em 2002 estreia-se como letrista, escrevendo para o cantor/compositor José Cid “*A lenda da Princesa mal Amada*”, e integra, como poetisa e declamadora, alguns dos projetos acústicos do artista. Após ter integrado, como encenadora e atriz, o Grupo Teatral “*Raízes Verde Pinho*”, de Avelãs de Cima, Anadia, lança-se a solo, na interpretação de um monólogo de sua autoria “*Memórias de Sóror Saudade*” – homenagem cénica a Florbela Espanca. Frequentou o Laboratório Teatral de Formação de Atores orientado por Mina Andala, tendo encenado uma peça baseada na vida e obra da consagrada escritora inglesa Virginia Wolfe e frequentado um curso de Teatro ministrado pelo ator e encenador aveirense João Fino. No sector literário, para além dos livros publicados até à sua morte, ficaram registados na SPA, embora não publicados, produção diversa em prosa e poesia, como os romances “*Fados à Margem*”, “*Trás-os-Montes – o Reino Lendário que a inspirou*”, o conto “*O Rabi dos Românticos*” e, em poesia, “*Alma Portuguesa*”, “*Trovas de Lágrimas e de Açucenas*”, “*Menina-*

Aspiração” e *“Candura e outros Fados”*. Obras publicadas: *“Novíssimos”* (coletânea de poesia) e *“Canto infinito”*.

MARIA ANTÓNIA PINTO DE OLIVEIRA MORAIS

Maria Antónia Pinto de Oliveira Morais nasceu em Águeda, em 1935, passando a residir em Lisboa a partir dos sete anos, onde fez os seus estudos. Prestou serviço na área das Relações Públicas e Humanas na empresa pública Companhias Reunidas de Gás e Eletricidade - Eletricidade de Portugal, tendo frequentado, nesse âmbito, diversos cursos de especialização patrocinados pela União Europeia. Faleceu em 2006.

Obras Publicadas: *“Reviver”*, *“Godofredo Duarte”* e *“À madrugada não canto”*

MARIA BARROSO



Maria Barroso foi uma mulher de causas e uma cidadã ativa política, cultural e socialmente. Figura maior da cultura portuguesa, atriz marcante no teatro e no cinema, foi amante da poesia, que dizia de uma forma única.

Nasceu na Fusetas em 1925, no seio de uma família de democratas e oposicionistas à ditadura. Filha de Maria da Encarnação Simões Barroso, professora primária, e de Alfredo José Barroso, oficial do exército, que foi destituído, preso e deportado por razões políticas.

Estudou nos liceus Dona Filipa de Lencastre e Pedro Nunes, em Lisboa, e fez o Curso de Arte Dramática do Conservatório Nacional, que concluiu em 1943, obtendo a classificação mais elevada. Seguindo a sua vocação de atriz, integrou a companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, no Teatro Nacional D. Maria II, onde contracenou com figuras como Palmira Bastos, Maria Matos, Amélia Rey Colaço e Augusto Figueiredo. Subiu à cena em diversas peças, entre as quais *“Benilde u Virgem Mãe”*, de José Régio, e *“A Casa de Bernarda Alba”*, de Frederico Garcia Lorca, atuação que, em 1948, levou o regime a proibi-la de continuar a representar.

A partir daí, fez militantemente recitais de poesia, muitas vezes acompanhada do coro de Fernando Lopes Graça, dizendo versos de poetas contra o regime, nomeadamente do Novo Cancioneiro. Desempenhou vários papéis no cinema – em filmes como *“Mudar de Vida”*, de

Paulo Rocha (1966) ou “Benilde ou a Virgem Mãe”, de Manoel de Oliveira (1975) - e no teatro, onde, de entre as várias peças em que participou, foi “uma frágil Antígona ibérica” (peça “Antígona”, Teatro Villaret, 1965), nas palavras de Eduardo Lourenço. “A vida deu-lhe ensejo de transpor do palco para a cena, sem artifícios da opressão humana, o seu puro grito de heroína habitada pela revolta e pela paixão da liberdade”, escreveu, muito anos depois, o filósofo e ensaísta.

Formada em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Maria Barroso dedicou-se também ao ensino, dirigindo o Colégio Moderno, e à intervenção política, antes e depois do 25 de Abril de 1974, sendo a única mulher fundadora do Partido Socialista.

Empenhada na defesa dos mais desfavorecidos, criou a Fundação Pro Dignitate, distinguindo-se na luta pela prevenção da violência e da exclusão social e como uma voz ativa na defesa dos valores democráticos. Participou na vida cultural de Leiria, destacando-se a sua ação através da Casa-Museu João Soares (Fundação Mário Soares e Maria Barroso).

Morreu em Lisboa, a 7 de julho de 2015. Nessa altura, a atriz Carmen Dolores recordou-a como “uma mulher cheia de coragem, uma mulher cheia de talento e uma cidadã extraordinária toda a sua vida e em todas as suas ações, tanto na vida privada, como na vida pública”, lembrando “tudo o que fez na cultura e na poesia numa altura em que era difícil revelar determinados poetas considerados revolucionários”.

MARIA CECÍLIA RODRIGUES



Maria Cecília Rodrigues, natural do Arrabal, Leiria, nasceu em 1958 e faleceu em 2011.

Deixou uma vida repleta de dedicação ao associativismo e muitos sonhos ainda por concretizar. Foi uma figura marcante na dinâmica filarmónica da região de Leiria, onde se destacou como Presidente da Filarmónica do Arrabal, Presidente da Federação das Filarmónicas do distrito de Leiria, e tesoureira na Associação de Filarmónicas do concelho de Leiria.

De espírito livre e empreendedor, deixou um legado à Filarmónica do Arrabal de generosidade, de sonhos, de amor à Arte e aos outros. E isso está

bem patente ainda na génese daquela casa, que formou um grupo de Pop Rock com o seu nome “Os Cecília” e mais recentemente, incluiu no lançamento do seu último CD uma obra de homenagem, encomendada ao compositor português Luís Cardoso, intitulada “Cila”.

MARIA EMÍLIA DE NORONHA AMARAL

Natural de Águeda, onde nasceu a 22 de junho de 1923, e faleceu a 16 de janeiro de 2009.

Frequentou o Curso Liceal e foi coordenadora do núcleo de Águeda da Cruz Vermelha Portuguesa, procedendo, nessa condição, à redação do noticiário da mesma para a Imprensa, tendo, entre os anos de 1992 e 2000, apresentado a rubrica “*Espaço Literário*”, na Rádio Botaréu.

Obras publicadas: “*Águeda deste Século*”, “*As viagens de Bernardo*”, “*Viagens*”, “*Maria a Aguedense*” e “*A nossa voz através da rádio*”.

MARIA JÚLIA FERRÃO CASTELO BRANCO DA COSTA E SILVA



Maria Júlia Ferrão Castelo Branco da Costa e Silva, nasceu com a implantação da República, a 2 de dezembro 1910. Foi uma das grandes figuras beneméritas do concelho, num dos períodos difíceis da nossa História, com uma apurada sensibilidade para auxiliar os mais desfavorecidos através das suas obras de cariz social.

No Hospital de Beneficência Poiarense implementou a “Sopa dos Pobres”, que chegou a servir mais de 14 mil refeições aos pobres do concelho. Criou o “Enxoval do recém-nascido”, que contemplava

todas as crianças nascidas naquele hospital com um berço, roupa e brinquedos.

Em 1955, com outras senhoras constituiu a “Sopa Infantil” para fornecer alimentação, vestiário, livros e assistência médica e medicamentosa às crianças mais desfavorecidas do concelho.

Em 1959 fundou a “Casa de Trabalho de Nossa Senhora das Necessidades”, que visava ensinar às raparigas do meio rural as tarefas e labores das artes domésticas, a moral e os bons costumes.

Ainda em vida teve diversas honras do concelho, como a atribuição do seu nome à Cantina Escolar da Escola Primária do Concelho, de cuja construção assumiu a despesa. O seu nome foi



também inscrito na toponímia do concelho, num trecho da histórica rota da N2, como “Rua D. Maria Júlia Dias Ferrão – Benemérita do Concelho – 1910 - 1964”.

MARIA MARGARIDA DE OLIVEIRA PINTO

Nascida em data incerta no atual bairro de Além da Ponte, em Águeda, no seio da família Pinto, ali faleceu em 1917. Iniciou a sua carreira de professora na Escola de São Tomé de Negreiros, em Santo Tirso, sendo mais tarde nomeada professora, e mais tarde diretora, da Escola Normal do Porto, lugar que desempenhou até 1911, altura em que a falta de vista levou à renúncia do lugar. Ficcionalista de mérito e distinta pedagoga deixou-nos as obras: *O Diabo do Alfusqueiro* e *A Cantadeira das Ruas* (inicialmente publicados em folhetins pelo “Soberania do Povo” e, mais tarde, em livro, 1884) e ainda, *Amarguras* (romance, 1888) e *A Escola Moderna* (1891).

PALMIRA DA LUZ SALES

Natural da Lousã. Nasceu em 1 de dezembro de 1931, faleceu em 7 de maio de 2001.

Professora primária, conhecida por Mirita Sales, destacou-se pela defesa da cultura popular, especialmente pela da Lousã e da Serra da Lousã, “sempre pronta e na primeira linha, na defesa dos costumes, tradições populares da Lousã, da sua serra e das suas gentes.”.

Da sua atividade em prol da recolha e divulgação das tradições locais, da sua participação nas associações e coletividades locais, o seu forte envolvimento e o seu apoio à constituição do Museu Etnográfico da Lousã em 1989 e na recolha de receituário ligado à gastronomia e que deu origem à obra *Roteiro de Gastronomia*, editado pela Câmara Municipal da Lousã em 1992. Daqui resultou também a recuperação de alguma doçaria que foi integrada pela pastelaria e pela restauração e que passou a integrar a promoção do concelho.

Da sua atividade, de destacar também o seu labor em prol da recuperação do lagar de azeite da Sarnadinha. O antigo lagar de azeite foi recuperado e transformado num museu, tendo sido inaugurado em 25 de abril de 2000. No mesmo ano, em 7 de outubro, recebe o seu nome como Lagar de Azeite Mirita Sales. O espaço mostra as culturas e tradições relacionadas com a produção do azeite e com a gastronomia. Integra o Eco Museu da Serra da Lousã, como Núcleo Gastronomia e Doçaria Regional e Lagar de Azeite Mirita Sales.



TUCHA MARTINS



Tucha Martins (1963-2021), estudou estilismo e modelação, começou a trabalhar para a indústria do vestuário como estilista e modelista, mas o seu sonho era trabalhar no mundo do espetáculo e artístico.

Fez Licenciatura em Teatro – Design de Figurinos na ESMAE, foi professora e trabalhou como free-lancer para diversas companhias de Teatro e Dança. Foi figurinista em inúmeras peças de teatro e integrava a Companhia do Jogo e o Projeto Faunas, Participou em muitos outros espetáculos e na animação de feiras medievais ao longo das últimas décadas. Tornou-se uma figura incontornável da produção cultural do distrito de Aveiro e em Albergaria a Velha, onde viveu e ajudou a concretizar projetos como o *“Dos Modos Nascem Coisas - Festival de Fazedores de Arte”*, entre tantas outras iniciativas promovidas pela associação que ali criou, a AlbergAR-TE. Lecionava Teatro, expressões artísticas – corporal, dramática, visuais e tecnológicas - e foi responsável por inúmeras formações e oficinas de costura criativa, artes da agulha, modelação, cursos de costureira/modista e elementos visuais na cena. Trabalhou também no cinema como figurinista e aderecista. O seu último trabalho foi no filme de Joaquim Pavão *“Entre Sonhos”*, apresentado na RTP2. Com o seu companheiro Vítor Valente desenvolveu em Albergaria-a-Velha um intenso trabalho de animação cultural junto da comunidade local e uma permanente atividade cívica.

HELENA FRADE



Maria Helena Simões Frade nasceu em 1957, em Lavacolhos, Fundão, onde foi sepultada em 2014.

Licenciou-se em História, na variante de Arqueologia, em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde defendeu, em 2002, a tese de mestrado *Centum Celas: uma villa*

romana na Cova da Beira, em Arqueologia Romana, sob orientação do Professor Jorge de Alarcão.

Começou a sua vida profissional no ano letivo de 1979/1980, como docente dos ensinos básico e secundário, em escolas de Vila de Rei, Crato e Anadia, ingressando, em 1983, para o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, funções em que se manteve, nos diversos organismos que se sucederam a esta estrutura regional da Secretaria de Estado da Cultura.

Foi casada com José Carlos Caetano, também ele precocemente falecido, com o qual trabalhou, por exemplo, na Lage do Ouro (Crato), necrópole romana cuja meticulosa escavação muito contribuiu para o conhecimento das práticas funerárias na Lusitânia.

O nome de Helena Frade fica indelevelmente ligado a sítios arqueológicos onde a sua ação foi deveras marcante: as termas de S. Pedro do Sul, o anfiteatro de Bobadela (Oliveira do Hospital), a Torre de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo), a Torre de Centum Cellas (Belmonte) e as Ruínas de Conímbriga (Condeixa-a-Nova).

Integrou, de 1980 a 1983, a equipa luso-francesa de arqueólogos que escavou a *villa* romana de S. Cucufate.

A experiência assim adquirida levou-a interessar-se de modo especial pelos ritos funerários romanos e pela problemática das termas, tendo nesse âmbito publicado artigos e comunicações em reuniões científicas nacionais e internacionais e artigos, porque foi seu timbre dar a conhecer o que lograra investigar, por exemplo na *Informação Arqueológica*. Por isso foi convidada a participar com textos de síntese acerca dessas temáticas no II volume (*O Mundo Luso-Romano da História de Portugal*, publicada, em 1993, por Ediclube).